

A tecnologia como forma

A tecnologia é um dos grandes alicerces da arte. Do grego *tekhne*, que significa "técnica, arte, ofício" somada ao sufixo *logia*, que significa "estudo", arte e tecnologia são praticamente indissociáveis. Sem a tecnologia, a arte teria evoluído muito pouco (ao menos como a entendemos hoje), alguns tipos de arte (como o cinema) jamais teriam sido inventados e a influência do vídeo sobre todas elas sequer existiria. A tecnologia coloca a arte contra a parede e a faz repensar sua natureza, ela coloca a arte em crise para fazer surgir algo novo.

O fato é que nos últimos anos a tecnologia avançou muito (e em muito pouco tempo) e, com isso, o próprio termo *tecnologia* adquiriu novo significado. Posso dizer que minha geração foi a última a vivenciar concretamente a passagem de tempo que marcou seus avanços mais significativos: a popularização do computador, o surgimento da Internet, a evolução dos mecanismos de busca, dos videogames, da televisão, a criação do dvd, do mp3 player, do smartphone etc. Para minha geração, isso é tecnologia. Fomos criados com (e por) ela. Tudo o que fazemos é a partir dela. Sabemos viver sem ela - pois tivemos o "privilegio" de conhecer o mundo sem ela - mas optamos por não fazê-lo.

De múltiplas maneiras, esta exposição à tecnologia interfere diretamente na nossa relação com o mundo. Pensamos e agimos através de uma nova lógica, uma *tecno-lógica*. Este é o aspecto que mais me interessa no que diz respeito à relação do teatro com a tecnologia. Não se trata de utilizar aparelhos tecnológicos que complementem a cena (ainda que estes abram o leque de possibilidades de criação no teatro), mas de investigar como a tecnologia *afeta* a cena.

Nos dois últimos espetáculos do Teatro Voador Não Identificado, procuramos não falar sobre tecnologia, ou seja, o assunto não era esse, mas pretendemos deixá-la interferir na nossa criação. Em "Shuffle", por exemplo, cada cena do espetáculo é associada a uma música. Ligamos um iPod no

modo *shuffle* (*aleatório*, em português) e a ordem das cenas é definida pelo aparelho. Ou seja, o espetáculo tem uma ordem diferente a cada dia e esta condição pode/deve modificar o sentido da própria peça. Já em "Tempo Real", trazemos para cena informações sobre o que está acontecendo no mundo enquanto a peça é apresentada. Os atores utilizam iPads para acessar as últimas atualizações da Internet e informá-las ao público, o que possibilita novas leituras para o espetáculo.

Desta forma, procuramos aliar a experiência teatral à experiência tecnológica, sem transformá-la no tema principal das peças. A ideia é levar ao teatro a mesma relação que o espectador tem com a tecnologia fora dele. Não queremos ignorá-la e fingir que o teatro é um mundo à parte. O teatro, pelo contrário, é parte do mundo, e se a tecnologia muda nossa forma de lidar com o mundo, muda também nossa forma de lidar com o teatro. Se antes era inadmissível (ou mesmo impensável) um espectador utilizar seu celular durante a exibição de um espetáculo, hoje isto é um acontecimento muito natural. Por que não agregar isto à cena? Por que não adequá-la ao mundo tecnológico a que pertencemos?

O teatro possui sua própria linguagem, ela não é intocável. Portanto, precisamos criar uma outra relação com ele, menos *sagrada* e mais palpável. Caso contrário, a tecnologia pode transformar o teatro numa arte ultrapassada sem qualquer vínculo com o presente. E o presente é a matéria da qual é feito o teatro.

Leandro Romano

Artigo publicado no site do Globo Teatro